

**ANDRADE, MARIA REGINA RAMOS
DE**

E A EDUCAÇÃO SEXUAL?

1988

Há muito tempo não se ouve falar em educação sexual nesta Universidade. Temos feito muito pouco ou quase nada dentro desse terreno, que se reveste de imensa importância na atualidade.

As estatísticas brasileiras sobre doenças sexualmente transmissíveis mostram números alarmantes. A Aids aumenta em proporção geométrica e as doenças mais antigas, embora debeláveis por antibióticos, assumem novas formas resistentes à medicação.

Por outro lado, é estimada em mais de um milhão por ano a quantidade de meninas adolescentes que engravidam no Brasil. O fato de não estarem física ou emocionalmente preparadas para gestar e cuidar dos seus bebês faz com que a mortalidade dessas crianças seja cerca de 50% maior que a de filhos de mães mais velhas.

Também é necessário que levemos em conta os dados da violência sexual contra crianças, que no Brasil são uma triste e frequente realidade ambulatória dos profissionais da saúde.

O conjunto acima, de doença, gravidez precoce, mortalidade e violência, constitui-se em dramático problema de saúde pública que até agora só tem tido soluções parciais nascidas de iniciativas isoladas. Todas elas, entretanto, apontam para um único alvo como solução: a educação.

Profilática por natureza, formativa, a educação, se equilibradamente relacionada à sexualidade humana, levaria os problemas acima a se solucionarem em rumo certo, gradual mas seguro.

Erguendo a minha voz em conjunto com a de especialistas de outros países, ousou afirmar que a educação sexual na atualidade é vital até para a própria sobrevivência humana.

É lamentável que precisamente nesse assunto crucial a Universidade de São Paulo hoje tenha a falar muito, porém, conjugando os verbos no passado!

Há vinte anos atrás, a USP desenvolvia um trabalho-modelo de educação sexual. Ligado aos cursos de Pedagogia e de Especialização em Orientação Educacional, desenvolvia-se no então Colégio de Aplicação da antiga FFCL.



Maria Regina

Naquela época, os alunos do Aplicação contavam com reuniões semanais de educação sexual em grupos de cerca de vinte jovens liderados por um orientador do Serviço de Orientação Educacional (SOE) da escola.

No início do semestre letivo, os próprios alunos, em conjunto com o orientador líder do seu grupo, organizavam a ordem dos assuntos e o programa da Orientação Sexual. A partir daí, semana a semana discutiam-se os temas com base em informações de livros, jornais e revistas trazidos pelo orientador e pelos alunos.

As discussões aconteciam na sala de aula em um clima de muito respeito e naturalidade, sendo os alunos livres para colocar seus medos e fantasias sem críticas. Havia a preocupação com a formação do jovem, sua estruturação pessoal, seus valores afinados com os sentimentos. Ao mesmo tempo, também eram dadas as informações básicas, biológicas, do processo de reprodução humana.

Ou seja, aquele trabalho-modelo levava o aluno tanto a informar-se como a rever atitudes e valores culturais, aprendendo a conviver com opiniões diferentes das suas.

A Universidade se responsabilizava pela cuidadosa formação dos educadores que lideravam os grupos de orientação sexual.

Com a reforma universitária em 1970 e a consequente extinção do antigo Colégio de Aplicação, aquele trabalho — pioneiro no Brasil — encerrou-se. Após todos esses anos, não foi substituído por nada semelhante dentro da Universidade.

Hoje, deparamo-nos com uma grande lacuna em todo o País com relação à educação sexual. Para que nós da USP possamos colaborar na melhoria do quadro de problemas que a comunidade vem enfrentando, precisamos estudar, pesquisar e novamente formar educadores sexuais.

A preparação de educadores sexuais é algo que se faz necessário e que vem sendo muito pouco cuidado.

Há alguns anos atrás a Fundação Carlos Chagas ministrou um bom curso para formação de orientadores sexuais, mas não o repetiu.

Atualmente, apenas a Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP) da Secretaria da Educação do Estado tem preparado pessoas nesse sentido. O Serviço de Orientação Educacional da CENP atende à solicitação de escolas ou delegacias de ensino, ministrando cursos e fornecendo material para orientar o trabalho de professores que queiram trabalhar em suas escolas com educação sexual.

A partir desse esforço da Secretaria da Educação, vem sendo desenvolvida orientação sexual em várias escolas, tanto públicas como particulares. Trata-se de iniciativa bem fundamentada mas infelizmente pouco expandida. Para acontecer um trabalho em mais ampla escala, seria necessário haver mais do que a boa vontade isolada de diretores e professores conscientes da necessidade da educação sexual.

Do que precisaríamos? No que nós da USP podemos colaborar? Choca-nos perceber que há necessidades na comunidade que não estão chegando de forma natural à Universidade!

Desejável seria que mais fosse pedido à USP, pois esta tem muito para dar e vem se omitindo com relação à educação sexual.

As escolas, os postos de saúde, as delegacias e a própria Comunidade Universitária precisam de nosso esforço lúcido e conjunto. Milhões de crianças e jovens esperam por nossa participação: vamos trabalhar?

Profa. Dra. Maria Regina Ramos de Andrade
 Faculdade de Educação